

BRÉVÍSSIMA HISTÓRIA DO LIVRO

(Prof. Marília Levacov, material distribuído em um livreto na 43ª Feira do Livro de Porto Alegre.)

Os primeiros livros

O mais antigo suporte da informação foi a pedra, onde eram feitas as pictografias rupestres.

A imagem, pouco a pouco, torna-se um símbolo e, da pictografia, nascem todos os velhos sistemas de escrita: cuneiformes, sumérios, depois mesopotâmios, hieróglifos egípcios, creto-minóicos, hititas e os caracteres chineses. É o estágio dos ideogramas, onde as representações não sugerem apenas objetos, mas também idéias abstratas.

Por fim, a escrita aproxima-se da linguagem oral, até chegar ao sistema fonético, originário do alfabeto fenício, transformando-se no alfabeto que usamos no mundo ocidental.

Outros suportes daquilo que os gregos chamaram de *biblos* e os romanos de *liber* foi a madeira, bem como a argila úmida, onde um instrumento cortante triangular, em forma de cunha, servia para escavar aquilo que chamamos de escrita cuneiforme.

Placas de cera, tecidos, bambu, ossos, conchas e marfim também serviram como suporte para os primeiros livros.

Os rolos de papiro e o pergaminho

Os principais suportes do livro, na Antiguidade, foram o papiro e o pergaminho.

O papiro é uma planta que cresce às margens do Nilo e nos pântanos de seu delta. Extrai-se o miolo dos caules, em forma de fita que, após secar ao sol, é colado uns aos outros, até formar uma superfície extensa onde se podia escrever.

O livro de papiro apresentava-se sob a forma de um rolo (chamado *kilindros*, pelos gregos e *volumen*, pelos romanos) possuindo, em média, de 6 a 10 metros de comprimento. Era dividido em colunas verticais (que os latinos denominavam de *paginae*) e escrito de um lado só, no sentido horizontal das fibras.

O livro de pergaminho, inventado na cidade de Pérgamos, na Ásia Menor, feito com couro de animais, constituiu outro tipo de suporte, mais forte e flexível, aproveitado de ambos os lados, cujo conteúdo (diferentemente do papiro) podia ser raspado, permitindo o reaproveitamento do suporte. Dezenas, muitas vezes centenas de animais precisavam ser mortos e ter seu couro curtido para fornecer

material para um único livro.

O desenvolvimento de bibliotecas, como as de Alexandria (no Egito) e a de Ptolemaion (em Atenas), assim como o comércio de livros em Roma, atestaram a crescente expansão do livro de papiro e o de pergaminho.

O livro na Idade-Média

Cem anos antes de começar a Idade-Média o pergaminho já substituía o papiro quase que inteiramente, dando origem ao *codex*, livro que, em vez de ter a forma cilíndrica, era feito de folhas encartadas, dobradas e costuradas, constituindo um caderno. Esta forma manteve-se até os dias atuais.

Muitos conventos possuíam além das bibliotecas e de um *escriptorium* (local reservado à cópia, à decoração e à encadernação de manuscritos) o seu próprio curtume. A escrita gótica e o uso de capitulares caracterizavam o espaço da página do livro criado pelos monges copistas medievais.

Terminada a tarefa do calígrafo e do iluminador, o livro passava aos cuidados do *ligator librorum*, o encadernador. A predominância era de textos religiosos e muitos livros eram acorrentados às prateleiras para evitar o roubo.

O comércio livreiro, muito ativo durante a Antiguidade, desapareceu com o advento do cristianismo mas ressuscitou no século XIII, com o surgimento das universidades. A tecnologia de produção de papel a partir de algodão e trapos de linho acabou por suplantando a de pergaminho, permitindo um produto final mais leve e barato.

O advento da imprensa e do público leitor

Quase 800 anos depois de os chineses a terem inventado, a impressão xilográfica é introduzida na Europa e é utilizada para a produção de volumes pequenos e baratos.

Mas a grande revolução acontece em 1456, com a introdução dos tipos móveis para a impressão, por Gutenberg. Ele reproduziu a escrita gótica dos calígrafos no desenho dos caracteres dos tipos móveis porque não podia conceber uma forma diferente daquela que conhecia. Ao longo dos séculos, entretanto, os tipógrafos foram aperfeiçoando o espaço da página impressa e criando novas famílias de tipos, com maior variedade e legibilidade.

A imprensa revelou ao mundo ocidental os textos antigos e clássicos. Quando essa massa de textos esgotou-se, os editores procuraram obras inéditas. A partir do século XVI, as editoras passaram a pagar somas em dinheiro aos autores, que não participavam financeiramente do sucesso posterior de suas obras.

Apenas na segunda metade do século XIX o direito autoral é reconhecido. Aumenta o número de livros oferecidos e as bibliotecas tornam-se amplas e variadas.

Após a invenção da imprensa cresce a participação do livro nas feiras genéricas a tal ponto que editores e livreiros decidem organizar feiras paralelas, só de livros.

O apadrinhamento do romance, pela burguesia, gera um novo e grande público leitor. A prensa mecânica, o papel de pasta de madeira e o surgimento do linotipo, dão um impulso enorme a indústria tipográfica, acelerando e barateando o processo de produção de livros.

O livro no final do milênio

O livro eletrônico, em disquetes, *CD-ROMs* ou na Internet, refaz o espaço "da página", oferecendo convenções tipográficas diferentes, novos ritmos de leitura e possibilidades de construção inimaginadas. Em vez do texto linear, sequencial e homogêneo, o hipertexto oferece uma "página" de leitura associativa, interativa, onde as fronteiras entre autor e leitor começam a perder seus contornos.

Da mesma forma como a Bíblia impressa por Gutenberg foi uma experiência radical com as novas tecnologias, os computadores oferecem um novo e melhor suporte. A página, antes átomos - pedra, papiro, papel, é agora *bits, fótons*, ondas no ciberespaço.

O modelo "imprimir e distribuir" transforma-se em "distribuir e, eventualmente, imprimir", barateando os custos de produção e permitindo que qualquer um (teoricamente) possa auto-publicar-se. Muitos já o fazem.

O advento da imprensa na Renascença permitiu criar e definir novos grupos de leitores. Igualmente, o livro eletrônico define, no final do milênio, novos modelos de escrita e leitura, novos conceitos de autor, leitor e editor, permitindo inclusive a criação de "bibliotecas sem paredes para livros sem páginas".